

Cafundó
A África no Brasil



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ESDRAS RODRIGUES SILVA – GUITA GRIN DEBERT

JOÃO LUIZ DE CARVALHO PINTO E SILVA – LUIZ CARLOS DIAS

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO LUIZ COLTRO ANTUNES – SEDI HIRANO

Carlos Vogt
Peter Fry

com a colaboração de Robert W. Slenes

CAFUNDÓ
A ÁFRICA NO BRASIL
LINGUAGEM E SOCIEDADE

EDITORIA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

V868c Vogt, Carlos, 1943-
Cafundó: A África no Brasil: Linguagem e sociedade / Carlos Vogt; Peter Fry;
com a colaboração de Robert W. Slenes. 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp,
2013.

1. Sociolinguística. 2. Linguagem e cultura. 3. Minorias linguísticas – Cafundó (Salto de Pirapora, SP) 4. Negros – Cafundó (Salto de Pirapora, SP) 5. Negros – Usos e costumes. I. Peter Fry, 1941- II. Robert Wayne Andrew Slenes, 1943- III. Título.

CDD 306.44
408.9
301.45196098161
301.45196

ISBN 978-85-268-1038-9

Índices para catálogo sistemático:

1. Sociolinguística	306.44
2. Linguagem e cultura	306.44
3. Minorias linguísticas – Cafundó (Salto de Pirapora, SP)	408.9
4. Negros – Cafundó (Salto de Pirapora, SP)	301.45196098161
5. Negros – Usos e costumes	301.45196

Copyright © by Carlos Vogt e Peter Fry
Copyright © 2013 by Editora da Unicamp

1ª edição, 1996 Editora da Unicamp
Companhia das Letras

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

Para Otávio Caetano

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), que generosamente financiou o grosso da pesquisa de campo, bem como o filme de Joel Yamagi baseado em nossos dados.

À Fundação Ford, que financiou o trabalho do acadêmico Pedro de Souza na pesquisa em dicionários para a fixação do quadro comparativo constante do Apêndice 3 do livro.

Ao Programa Raça e Etnicidade do Núcleo de Cor do IFCS/UFRJ, que com recursos da Fundação Rockefeller contribuiu para a conclusão dos trabalhos.

À Unicamp e à UFRJ, nossos abrigos intelectuais e institucionais.

A Sérgio Coelho, da sucursal do jornal *O Estado de S. Paulo* em Sorocaba, que conseguiu interessar o saudoso professor Zeferino Vaz, então reitor da Unicamp, com a notícia da língua “africana” do Cafundó.

Ao Clube 28 de Setembro, em particular a Jorge Matos e a Bernardino Antônio Francisco, então seus diretores.

Aos diretores e funcionários de várias instituições, especialmente: Arquivo Público do Estado de São Paulo, Cartórios do Primeiro e Segundo Ofícios de Registro de Notas de Sorocaba, Cartório do Primeiro Ofício de Registro de Imóveis de Sorocaba, Cartório do Primeiro Ofício de Registro de Notas de Itapetininga e Arquivo da Diocese de Sorocaba.

A Ana Maria Medeiros da Fonseca e a Maria da Conceição Carneiro Oliveira, que ajudaram na pesquisa e na transcrição de documentos em Sorocaba e São Paulo.

A Daisy Silva de Lara, que leu e releu os originais, contribuindo criticamente para a sua revisão.

A Maria Paulina Juliani, que digitou e redigitou com zelo e dedicação os originais.

A Magali de Souza Moraes, que secretariou nossas andanças e atividades de pesquisa.

Ao Movimento Negro de São Paulo, pela militância aguerrida. Em particular aos cafundoenses, personagens e narradores verdadeiros das estórias que aqui se contam.

*Curimei vavuro,
orombongue nâni!
No quilombo que vai cuendar,
vimbundo vai curimar,
orombongue nâni!¹*

1 Poema composto a partir de frases e expressões utilizadas pelos falantes da *cupópia* e cujo significado é: Trabalhei muito, / dinheiro pouco! / No dia que vai chegar, / homem negro vai trabalhar, / dinheiro pouco!

SUMÁRIO

NOTA PARA A 2ª EDIÇÃO	15
NOTA INTRODUTÓRIA.....	21
1 — A “DESCOBERTA” DO CAFUNDÓ.....	23
2 — HISTÓRIAS DO CAFUNDÓ	49
3 — O MUNDO SOCIAL E CULTURAL DO CAFUNDÓ: ESTRUTURA E ESTRATÉGIA.....	123
4 — A “LÍNGUA AFRICANA” DO CAFUNDÓ: VOCABULÁRIO E FORMAS DE EXPRESSÃO.....	143
5 — <i>CUIPAR E CUENDAR PRA CONJENGA CARUNGA:</i> A MORTE E A MORTE NO CAFUNDÓ	157
6 — MISTÉRIO E ENIGMA NO CAFUNDÓ: ANÁLISE DE UM DIÁLOGO	175
7 — OS MESTRES DA “LÍNGUA SECRETA” DO CAFUNDÓ: PARADOXO DO SEGREDO REVELADO.....	205
8 — RIOS DE CRISTAL: OUTRAS “LÍNGUAS AFRICANAS” NO BRASIL	237
9 — CONCLUSÃO — DEZESSETE ANOS DEPOIS	289
BIBLIOGRAFIA.....	307
APÊNDICE 1 — MAPAS DA LOCALIZAÇÃO DO CAFUNDÓ	329

APÊNDICE 2 — MAPA GENEALÓGICO: CAXAMBU E CAFUNDÓ	333
APÊNDICE 3 — AS ORIGENS “AFRICANAS” DO LÉXICO: QUADRO COMPARATIVO	335
Abreviaturas das notações bibliográficas.....	338
Glossário.....	339
CADERNO DE IMAGENS	389

NOTA PARA A 2ª EDIÇÃO

O “Livro do Cafundó”, como sempre nos referimos a ele na intimidade afetiva que nos permitiu registrar uma experiência intelectual inesquecível, tem agora uma segunda edição. Não havendo muito o que modificar no que diz respeito às descrições, às análises e às interpretações desenvolvidas nos capítulos que compõem o livro, cabe anotar que mudou o que a vida faz mudar, com a morte de Cida, de Adauto e de Noel, com a permanência na comunidade de 25 famílias e com um avanço significativo no processo de reintegração de posse das terras que haviam sido apropriadas por sitiantes e fazendeiros da região.

Do ponto de vista do reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo, o processo iniciou-se em 1999 com o relatório da Fundação Instituto de Terras de São Paulo (Itesp), em parte baseado no livro do Cafundó, iniciando a sua regularização pelo Incra em 2006 e ajuizando quatro ações de desapropriação em 2009 para uma reivindicação de área da ordem de 218,4462 hectares.

No dia 2 de agosto de 2012, o Incra assinou o termo de concessão de uso pela comunidade do Cafundó das terras da Fazenda Eureka, correspondendo a 122 hectares dos 218 pretendidos. Esse procedimento antecede a titulação definitiva da posse das terras, o que deverá acontecer, tudo correndo bem, depois de vencidas todas as etapas de um processo judicial em que ainda cabem recursos do proprietário da fazenda.

A segunda ação ajuizada pelo Incra resultou, no dia 18 de dezembro de 2012, no recebimento, pela instituição, da posse do Sítio São Benedito, com área de cerca de 30 hectares e que constitui também um dos quatro imóveis reivindicados pelo Cafundó.

Desse modo, o processo de regularização de mais da metade do território objeto da ação iniciada em 1972 por Otávio Caetano se encontra hoje, prática e formalmente, em estágio avançado de consolidação.

Dois outros imóveis estão em processo de desapropriação e, quando isso ocorrer, o Incra deverá tomar medidas semelhantes às já adotadas em relação à Fazenda Eureka e ao Sítio São Benedito, lembrando que os títulos decorrentes de todo esse processo são coletivos, não podem ser vendidos e devem ser registrados em nome da Associação Remanescente de Quilombo Kimbundu do Cafundó.

Estivemos no Cafundó no dia 22 de agosto de 2013. Conversamos com Lucimara, Assis e alguns outros moradores, entre eles um agregado, Gerson, visitante vindo de Sorocaba para compartilhar o almoço que estava sendo preparado — arroz, feijão, mandioca, farinha e couve — na cozinha da casa de Marcos, estando também presente seu irmão Juvenil.

Lucimara, filha de Cida, neta de Maria Augusta e sobrinha-neta de Otávio Caetano, é casada, tem oito filhos, seis homens e duas mulheres, vive no Cafundó desde o nascimento e tem, como a maior parte dos adultos da comunidade, o benefício do bolsa-família.

Assis Pires, que hoje tem cinco filhos e uma neta, quando o conhecemos, tinha 11 anos e era o menino professor do Mobral do Cafundó que o leitor irá encontrar e conhecer nas páginas do livro que agora se reedita.

Marcos e Juvenil são os irmãos mais novos entre os filhos de Maria Augusta Rosa de Almeida, sobrinhos de Otávio e tios de Lucimara.

Os Pires e os Almeida Caetano, as duas parentelas do Cafundó, continuam lá presentes, ocupando, geograficamente, os mesmos espaços que ocupavam nas descrições feitas no livro: os Almeida Caetano logo na entrada, depois da capela e da, mais recentemente cons-

truída, sede comunitária; os Pires mais para baixo, depois da igreja da Congregação Cristã do Brasil, instalada numa construção também mais recente, mas que tem uma inscrição mais antiga na divisão religiosa e cultural das duas parentelas, como será possível acompanhar nas histórias, comentários, análises e interpretações contidas na obra.

A divisão, contudo, não impediu, antes motivou, pela convivência no espaço comum do território e pela ênfase do coletivo nas soluções dos conflitos e disputas de terras, os casamentos e as uniões entre os membros das duas grandes famílias do Cafundó.

Para ter uma ideia desse processo de alianças, Lucimara é casada com Aristides Pires, irmão de Assis, e seu sobrinho, Jackson, filho de sua irmã Luciana, casou-se, há pouco tempo, também com uma Pires, para constituir a 25ª família da comunidade.

Como os títulos resultantes das desapropriações são coletivos e ninguém pode, individualmente, se desfazer da propriedade, isso constitui, certamente, uma causa legal e material que tem contribuído para fixar os membros das parentelas no Cafundó, para atrair outros que tenham saído para fora dele e mesmo para reforçar as alianças e os casamentos entre seus membros como forma de afirmação e de ampliação de seus direitos sobre as terras que já possuíam e sobre as que, por justiça, se recuperam e se reintegram.

Marcos, presidente da Associação Remanescente de Quilombo Kimbundu do Cafundó, é o herdeiro de Otávio e de Cida para o tesouro da cupópia, a “língua africana” que tornou a comunidade única e a mantém com esse traço de grande singularidade na história social, cultural e política das comunidades negras no Brasil: o do uso ativo, cotidianamente ritualístico, de um vocabulário de origem banto, quimbundo, principalmente, pelos seus habitantes, no conjunto de suas relações de trabalho e lazer na comunidade e da comunidade com a sociedade envolvente.

O Cafundó mudou na expansão da área geográfica e na definição legal de um modelo coletivo de propriedade que determina também padrões de comportamento, de atitudes, de expectativas e de esperanças para seus habitantes ligados à Associação e seus descendentes.

Nesse sentido, tornaram-se quilombolas de um quilombo contemporâneo, cuja origem, contudo, está na doação de terras pelo fazendeiro Joaquim Manuel de Oliveira, no final do século XIX, às irmãs Ricarda e Ifigênia, ancestrais das parentelas dos Almeida Caetano e dos Pires, no Cafundó.

Algumas máquinas de plantio e cultivo, ao lado de uma caminhonete, se encontram no pátio de serviço e pertencem à coletividade. Duas grandes estufas abrigam verduras e legumes que são produzidos para consumo e para a venda à Conab, através de uma entidade na igreja do bairro do Campo Limpo.

Continua, pelo depoimento de Marcos, o assédio de uma ou outra ONG para projetos, de cujos benefícios ele diz sempre desconfiar, além de grandes iniciativas governamentais, como esta, federal, que pôs no espaço comunitário — em um galpão de uns 20 m² construído pelo governo do estado — 13 computadores, impressoras, duas antenas para captação do sinal de satélite para internet e que, já decorridos três anos da cerimônia de doação, jamais foram ligados e jamais funcionaram.

O barracão feito de tijolos de cimento, que abrigava a cozinha, a sopa coletiva e a escola onde Assis dava, com 11 anos, as aulas de alfabetização, este barracão que foi a primeira intervenção de mudança na cultura material das construções de pau a pique, está destelhado e sem uso, havendo várias outras casas e construções de alvenaria espalhadas pela comunidade.

Uma delas é a que abriga a sede comunitária, que tem na frente uma varanda em cuja parede, ao lado da porta de entrada, estampa o desenho de uma figura humana negra, ladeada por duas cabeças coloridas para as quais flui, de cada lado da figura, um brilho dourado em forma de cone, como se fossem asas de luz. As cores e as formas do desenho lembram, de certa maneira, o *reggae* e a Jamaica. Na parte de cima do desenho, em forma de arco, uma inscrição: *Turi Vimba*¹.

1 Pela convenção ortográfica adotada no livro para as palavras da “língua africana”, *túri* deve vir acentuada. Entretanto, aparece na inscrição sem acento, o que foi aqui respeitado.

Na conversa que tivemos, na casa de Marcos, perguntamos por que *vimba* e não *vimbundo*? Marcos, então, explicou que *túri vimbundo* significa que é “uma terra de negro”. Diante de nossa insistência para saber por que lá está *vimba* e o que é que significa, a resposta vem rápida: “Para embaralhar um pouco a turma”.

Cortar as palavras é um procedimento comum e recorrente entre os falantes da cupópia, para, alojando o segredo dentro do segredo, aumentar o grau de convivência, de exclusividade e de identidade dos interlocutores da língua africana quando na presença de “estranhos” à comunidade.

A insígnia *Turi Vimba* inscrita na fachada do “prédio oficial” do Cafundó, na sua sede comunitária, é o registro maroto e desconfiado, também poético, que resume características marcantes da cultura da comunidade e que se manifestam de forma muito especial na estrutura e no funcionamento de sua língua africana.

A condensação do caráter elíptico e alusivo da cupópia na insígnia *Turi Vimba* é, assim, um nome que resume, pelo conteúdo, a significação ampla e especial que a palavra *quilombo* tem no Cafundó; é também, pela forma, o registro emblemático de sua língua africana e uma homenagem ao seu mestre e poeta Otávio Caetano.

À sua memória, à de Cida e aos habitantes da *Turi Vimba* vai aqui dedicada esta segunda edição de *Cafundó: A África no Brasil*.

Carlos Vogt e Peter Fry
Outubro de 2013

